

Número Especial Comemorativo
20 anos do Curso de Pedagogia da Cairu

Inclusão de estudantes autistas nos anos iniciais do Ensino Fundamental: desafios e possibilidades

Rhejanne Araújo Pacheco¹

Ironeides Alves do Nascimento²

Jurandir de Almeida Araújo³

Resumo: Esse estudo tem como objetivo analisar os desafios e possibilidades na inclusão de crianças autistas na sala de aula das escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de abordagem qualitativa, desenvolvida a partir de estudos que tratam da temática em questão. Como resultado, o estudo evidenciou que os desafios na inclusão de crianças com TEA, na sala de aula da referida etapa da Educação Básica, envolvem a carência na formação do professor para atuação frente ao estudante com deficiência e diferentes transtornos, a falta do atendimento especializado, entre outros fatores. Destaca-se como possibilidades de inclusão destes estudantes na sala de aula, o uso do lúdico e das tecnologias assistivas, do plano de ensino individualizado, bem como a iniciativa de conhecer as necessidades específicas de cada estudante, de modo a contribuir no seu desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, físico e emocional.

Palavras-chave: Transtorno do espectro autista. Ensino Fundamental. Inclusão.

Abstract: This study aims to analyze the challenges and possibilities in including autistic children in the classroom of schools in the early years of elementary school. This is bibliographical research with a qualitative approach, developed from studies that deal with the topic in question. As a result, the study showed that the challenges in including children with ASD in the classroom at the aforementioned stage of Basic

¹ Graduada em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. E-mail: rhejanne@yahoo.com.br

² Graduada em Pedagogia pela Fundação Visconde de Cairu. E-mail: ironeidesalves@gmail.com

³ Doutor em Educação pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Membro do Grupo de pesquisa Política e Gestão da Educação, do grupo de pesquisa Educação, Desigualdade e Diversidade, do Grupo de Pesquisa EJAPÓD/UFBA, do Laboratório de Tecnologias Informacionais e Inclusão Sociodigital (LTI Digital/UFBA) e da Associação Brasileira de Pesquisadores(as) pela Justiça Social (Abrapps). Professor e Coordenador Pedagógico do Curso de Licenciatura Pedagogia da Faculdade Visconde de Cairu (FAVIC). Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2688-4858> E-mail: jurandir@cairu.br

Education involve the lack of teacher training to work with students with disabilities and different disorders, the lack of specialized care, among other factors. Possibilities for including these students in the classroom include the use of play and assistive technologies, the individualized teaching plan, as well as the initiative to understand the specific needs of each student, to contribute to their cognitive development, social, affective, physical and emotional.

Keywords: Austim Spectrum Disorder. Child Preschool. Inclusion.

Introdução

“O conhecimento é poder. Utilize parte do seu tempo para educar alguém sobre o autismo. Não necessitamos de defensores. Necessitamos de educadores.”

Asperger Women

Na epígrafe acima, Asperger Women destaca a importância da educação e do entendimento em vez de simplesmente defender uma causa. Ela sugere que o verdadeiro progresso na conscientização sobre o autismo vem através do compartilhamento de conhecimento e da educação, não apenas da defesa ativa. Isso implica que ao educarmos as pessoas sobre o autismo, contribuimos para uma compreensão mais profunda e empática, o que pode levar a uma sociedade mais inclusiva e informada.

As pesquisas apontam um crescente número de diagnósticos de crianças com transtorno do espectro autista (TEA), com a presença de desenvolvimento atípico identificada geralmente na primeira infância, de 0 a 6 anos de idade (Zanon et al., 2020). Nesse contexto, de acordo com o Ministério da Saúde (MS), a escola não apenas estimula o acompanhamento e desenvolvimento da criança, mas também se configura como um espaço para a percepção dos indícios ou sinais de autismo e para o encaminhamento para o diagnóstico correto (Brasil, 2021).

Diante da crescente presença de estudantes autistas nas salas de aula das escolas do sistema regular de ensino, muitos são os desafios enfrentados pelos professores no desenvolvimento de práticas pedagógicas que atendam às demandas e especificidades desses estudantes, em parte devido ao desconhecimento sobre como ensiná-los. De acordo com o estudo de Weizenmann, Pezzi e Zanon (2020), realizado com professores dos anos iniciais do Ensino Fundamental, a insegurança,

o medo e o pouco domínio sobre o tema surgem como obstáculos ao ensino e, conseqüentemente, à inclusão desses estudantes em sala de aula.

Ao pesquisar sobre a temática, constata-se que ainda há muito a se discutir sobre a inclusão de crianças autistas na Educação Básica, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, foco deste estudo, particularmente no que diz respeito a recursos didáticos e possíveis estratégias de ensino e aprendizagem. Essa constatação, aliada à aproximação e convivência das pesquisadoras com crianças diagnosticadas com TEA, despertou o interesse pela temática em questão. A pesquisa busca responder à seguinte questão: Quais são os desafios e possibilidades na inclusão de crianças com transtorno do espectro autista nas salas de aula das escolas dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Assim, o objetivo deste estudo é analisar os desafios e possibilidades na inclusão de crianças autistas nas salas de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Espera-se que esta pesquisa amplie o debate e apresente possíveis estratégias para a inclusão social e educacional da criança autista no contexto escolar do sistema regular de ensino, além de oferecer subsídios para os professores em sua prática pedagógica e promover uma educação inclusiva.

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica com abordagem qualitativa. Segundo Lima e Mito (2007), a pesquisa bibliográfica envolve um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções, atento ao objeto de estudo, e que, por isso, não pode ser aleatório. Para o levantamento do material bibliográfico, realizou-se uma busca na base de dados da Scientific Electronic Library Online (SciELO), utilizando os seguintes descritores: autismo e educação, TEA e inclusão, Transtorno do Espectro Autista e inclusão, e educação inclusiva e autismo. Após a seleção e leitura dos títulos, resumos e textos na íntegra, foram escolhidos os estudos considerados relevantes para a discussão em questão.

Características e diagnósticos do TEA

O conceito de autismo passou por diversas mudanças ao longo do tempo. A primeira descrição foi realizada em 1943 pelo psiquiatra austríaco Leo Kanner, que observou e descreveu crianças com dificuldades principais em se relacionar com outras pessoas, nomeando o quadro como Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Entretanto, em 1952, a descrição de casos isolados de crianças com distúrbios

mentais graves gerou um conceito relacionado aos sintomas de esquizofrenia no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM) (Sanchez; Taveira, 2020).

Hoje, conforme Moraes (2012), o autismo não é mais definido como uma “psicose infantil”, mas sim como uma das perturbações do desenvolvimento, caracterizada por disfunções sociais, dificuldades na comunicação e interesse por atividades do cotidiano e repetitivas. Em 2013, com a publicação do DSM-5, a classificação passou a ser Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), aumentando a sensibilidade e a qualidade dos critérios de diagnóstico e ampliando a identificação dos sintomas (Facion, 2013). Assim, as características e diagnósticos do TEA podem variar de acordo com cada indivíduo.

De acordo com os estudos de Bartoszeck e Grossi (2018) e Homercher et al. (2020), algumas características indicativas do TEA incluem: déficits no comportamento social, interação pobre entre comunicação verbal e não verbal, redução do contato visual, baixa expressividade facial, sintomas motores como movimentos repetitivos ou estereotipados com objetos e/ou fala, que podem influenciar a funcionalidade diária da criança. Além disso, pode haver insistência em rotinas, rituais de comportamento padronizados, fixação em temas e interesses restritos, extrema angústia com pequenas mudanças na rotina, fala monótona, hiper ou hiporreatividade a sons, objetos e texturas, obsessão por cheirar objetos e alteração na sensibilidade à dor.

Vale ressaltar que cada expressão do autismo é única; a criança pode apresentar todas essas características ou apenas algumas. Segundo Gaiato (2018), a presença de um ou mais desses sinais pode prejudicar o desenvolvimento da criança e deve ser prontamente investigada. O TEA pode ser classificado em níveis de gravidade ou necessidade de suporte em atividades da vida diária: nível 1 (autismo leve), nível 2 (autismo moderado) e nível 3 (autismo severo).

O diagnóstico do TEA é estabelecido com base em critérios, já que não existe um exame clínico específico para sua confirmação. Ele é baseado em uma série de avaliações comportamentais realizadas por uma equipe de profissionais especializados, incluindo neurologistas, psiquiatras, psicólogos e neuropsicólogos especializados em TEA. Embora o diagnóstico seja clínico, diversos instrumentos e escalas podem ser utilizados para especificar e classificar o TEA (Silva; Elias, 2020).

Atualmente, o DSM-5 estabelece critérios como déficits persistentes na comunicação e interação social em diversos contextos, padrões repetitivos e restritos de comportamento, atividades ou interesses, com sintomas persistentes identificáveis precocemente no desenvolvimento infantil. Esses sintomas causam prejuízos clínicos significativos no funcionamento social, profissional e pessoal e não são explicados por deficiência cognitiva, intelectual ou atraso global de desenvolvimento (Swedo et al., 2013).

Enquanto o DSM-5, elaborado pela American Psychiatric Association (APA), descreve e classifica os transtornos mentais, a Classificação Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID), elaborada pela Organização Mundial da Saúde (OMS), descreve e classifica doenças, lesões e causas de mortalidade. Ambos são essenciais para a comunicação homogênea entre as diferentes áreas da saúde (Swedo et al., 2013; Brasil, 2022).

A identificação precoce dos sinais e o diagnóstico em tempo hábil são fundamentais para superar obstáculos e proporcionar inclusão social e educacional para crianças com TEA. No contexto escolar, cabe à escola e aos profissionais especializados adaptar o ambiente e qualificar docentes e auxiliares para desenvolver práticas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento e aprendizado de todos os estudantes, garantindo e promovendo uma educação inclusiva (Souza, 2021).

Desafios da inclusão da criança autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental

A Lei nº 12.764/2012, que institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, garante em seu artigo 3º, inciso IV, o direito dessas pessoas ao acesso à educação, visando favorecer a inclusão. De acordo com o artigo 4º, é garantida a matrícula da criança com qualquer tipo de deficiência nas escolas, e em casos de recusa, a instituição será punida com multa de três a vinte salários-mínimos (Brasil, 2012). Contudo, apesar de o ordenamento jurídico ter contribuído para o aumento da presença de estudantes com TEA na escola regular, essa realidade ainda não é plenamente efetiva no Brasil.

O estigma associado ao autismo, frequentemente visto como uma deficiência ligada à incapacidade e anomalia, gera medo e receio nos professores, principalmente devido à carência de formação sobre como lidar com estudantes com TEA. Além

disso, a visão mais humanitária e estereotipada da sociedade, que foca no desenvolvimento social da criança através do contato social, acaba negligenciando o desenvolvimento intelectual oferecido pelas escolas, que é baseado em conhecimentos sistematizados (Aporta; Lacerda, 2018).

Embora o artigo 3º, inciso IV da Política Nacional de Proteção dos Direitos de Pessoas com Transtorno do Espectro Autista garanta a presença de um acompanhante especializado em classes comuns, a realidade mostra que a presença desse profissional é rara em muitas escolas de ensino regular. A ausência desse profissional representa um desafio significativo para a inclusão, dada sua importância no acompanhamento do desenvolvimento desses estudantes (Brasil, 2012). Muitos dos profissionais que assumem a função de apoio ao estudante com deficiência/transtorno não possuem a formação adequada e frequentemente assumem apenas um papel de cuidador, em vez de apoiar o desenvolvimento educacional.

De acordo com o estudo de Grossi, Grossi e Grossi (2020), os principais desafios enfrentados no processo de ensino-aprendizagem dos estudantes com TEA nas escolas do sistema regular de ensino incluem causas extrínsecas, como falta de conhecimento sobre TEA, ausência de um ambiente inclusivo, ausência de um currículo funcional, falta de apoio da comunidade escolar e déficit na qualificação dos professores. As causas intrínsecas envolvem dificuldades de socialização, problemas de comportamento, agressividade, e dificuldades de atenção, concentração, memorização e desenvolvimento da linguagem. Essas causas contribuem para a dificuldade de compreensão dos conteúdos acadêmicos pelos estudantes com TEA.

Uma pesquisa realizada em 2016 por Bartoszeck e Grossi (2018), com 1.076 matrizes curriculares de cursos de Pedagogia e programas de formação pedagógica de docentes cadastrados pelo Ministério da Educação (MEC), revelou que apenas 0,56% abordavam a questão do autismo na matriz curricular. Um estudo qualitativo com professores dos primeiros anos do Ensino Fundamental destacou que esses profissionais frequentemente sentem medo e insegurança ao lidar com estudantes com TEA e reconhecem que sua formação carece de informações adequadas para trabalhar com esse público. Muitas vezes, é necessária formação complementar, tornando desafiador a resignificação de suas crenças pedagógicas e epistemológicas (Weizenmann; Pezzi; Zanon, 2020).

Diante do exposto, os principais desafios enfrentados pelos estudantes autistas envolvem sintomas como agressividade, dificuldades de atenção, concentração e memorização, que afetam a socialização. Para os professores e escolas, os desafios incluem a falta de conhecimento sobre TEA, a carência de atendimento especializado, deficiências na formação para lidar com estudantes com deficiência e diferentes transtornos, a falta de estratégias de inclusão para facilitar o aprendizado e a necessidade de reavaliar conceitos de autismo relacionados a deficiência/transtorno.

A inclusão vai além do âmbito escolar; a participação da família é um importante aliado e, por vezes, um desafio para o professor na implementação de estratégias de inclusão do estudante com TEA. A participação da família desde o processo diagnóstico é essencial, sendo fundamental compreender a dinâmica das relações familiares para entender as deficiências e transtornos. Para que as propostas pedagógicas e clínicas sejam bem-sucedidas, é crucial o trabalho em conjunto com os familiares, pois as intervenções têm efeitos recíprocos sobre cada membro da família (Gomes; Silva; Moura, 2019). Portanto, incluir não é apenas garantir o acesso, mas também assegurar a permanência e o sucesso de todos os estudantes, independentemente de qualquer marcador social da diferença.

Nesse contexto, Kokkonen, Barbosa e Batista (2022) observam que é viável a inclusão de crianças autistas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, desde que sejam realizadas adequações aos métodos de ensino. Isso contribui para a vida em sociedade, compreensão e exercício da cidadania, autocuidado e cuidado com o outro, fornecendo meios para o desenvolvimento cognitivo, social, intelectual e o exercício da cidadania.

Possibilidades acerca da inclusão de crianças com TEA nos anos iniciais do Ensino Fundamental

Incluir crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) em sala de aula da Educação Básica, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, não é uma tarefa fácil, mas é possível. Atualmente, isso configura um grande desafio para a maioria das escolas brasileiras, especialmente para os professores. No entanto, existem possibilidades; basta que a escola e os profissionais que nela atuam se apropriem dos conhecimentos científicos, da legislação e das diretrizes curriculares que subsidiam a Educação, em particular a Educação Inclusiva.

Um dos maiores desafios enfrentados pelos professores em sala de aula é engajar o estudante autista nas atividades e lidar com os desafios diários que surgem. Portanto, é importante que docentes e demais envolvidos na ação educativa estejam atentos às especificidades desses estudantes, adotando métodos de ensino adaptados às suas necessidades. Quando as necessidades específicas dos estudantes são atendidas, a inclusão ocorre, e o ambiente escolar torna-se mais confortável, possibilitando a participação, socialização e aprendizagem de todos, independentemente de suas particularidades.

Um ambiente escolar inadequado pode prejudicar o ensino e, conseqüentemente, o desempenho e desenvolvimento do estudante. No caso das crianças autistas, muitas vezes elas não gostam de entrar na sala de aula, e menos ainda de permanecer nela. Assim, o que o professor pode fazer para incluí-las em sala de aula e estimulá-las a participar das atividades propostas?

Defende-se que o conhecimento e a análise dos desafios e possibilidades de inclusão de estudantes autistas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e em qualquer outra etapa ou modalidade da Educação Básica, devem começar desde a formação do docente. A inclusão de temas como autismo e ciências neurológicas na formação inicial dos professores é essencial para ampliar o conhecimento dos educadores sobre o funcionamento do cérebro, a educação especial e inclusiva, e especificamente sobre o TEA (Pereira, 2014). Isso contribui para uma formação docente qualificada, preparando o professor para lidar com estudantes autistas.

Existem métodos, programas e tecnologias assistivas que podem ser utilizados para atender às necessidades das crianças com autismo. Entre eles, destacam-se:

- ✓ Programa TEACCH (Treatment and Education of Autistic and Related Communication Handicapped), que baseia-se nas habilidades e interesses do estudante, avaliação contínua, compreensão dos significados, colaboração dos pais, e ensino das relações de causa e efeito, comunicação e independência. Utiliza materiais visuais para organizar o ambiente físico por meio de rotinas e atividades de trabalho (Bonotto, 2016; Dias, 2019);
- ✓ Pictures Exchange Communication System (PECS), que contribui para a eliminação de barreiras de comunicação, facilitando a interação do estudante com outros;
- ✓ Currículo Funcional Natural, que visa desenvolver habilidades nas crianças com autismo, enfatizando mais as habilidades do que as fraquezas, e focando

em ordens claras, sem repetições e com tempo suficiente para a resposta do estudante. As intervenções sensoriais devem ser gradativas para proporcionar a adaptação ambiental do estudante (Bottger; Lourenço; Capellini, 2013). Esse currículo, quando combinado com outras práticas pedagógicas, melhora a condição dos estudantes no ambiente escolar e promove a generalização dos conhecimentos adquiridos para outros contextos (Moura, 2022).

O Atendimento Educacional Especializado (AEE) contribui orientando os profissionais da escola, auxiliando na elaboração de estratégias e planejamentos, e oferecendo ensino de linguagens e códigos de comunicação. Também disponibiliza Tecnologia Assistiva (TA), adequando materiais didáticos e pedagógicos às necessidades de cada estudante. As atividades do AEE são complementares às atividades da sala de aula comum, e não substitutivas, sendo um direito da criança autista e essencial para o apoio especializado na instituição de ensino (Ferreira; Lima; Garcia, 2015).

As tecnologias assistivas representam uma área interdisciplinar que engloba produtos, recursos, metodologias e serviços destinados a promover a funcionalidade e a participação da pessoa com deficiência (Galvão Filho, 2009). A integração dessas tecnologias no ambiente escolar favorece o processo de inclusão social, autonomia e socialização do conhecimento, respeitando as diferenças (Conte; Basegio, 2015), e é, portanto, imprescindível para estudantes com TEA.

A adequação curricular e da prática pedagógica deve respeitar a individualidade do processo de aprendizado de cada estudante, ressignificando as atividades educativas de acordo com o perfil de cada um. O estudo de Aporta e Lacerda (2018) exemplifica isso com a abordagem dinâmica durante uma aula de matemática, utilizando o jogo “21”. Para a criança com autismo, o jogo foi adaptado com palavras-chave conhecidas por ela, tornando a atividade mais significativa e compreensível. Para os demais estudantes, foram exigidos conhecimentos conforme seu desenvolvimento.

Outra abordagem importante é a abordagem multissensorial, que explora a aprendizagem através dos sentidos: tato, olfato, visão, audição e movimento corporal, utilizando representações de objetos matemáticos (Fleira; Fernandes, 2021). Essa abordagem é crucial, pois o modelo tradicional de ensino pode não atender às necessidades dos estudantes com TEA ou desenvolvimento atípico.

O suporte visual é um recurso que permite ao estudante acompanhar eventos e atividades de forma independente, ajudando no desenvolvimento de habilidades e conceitualização para crianças com TEA. Algumas professoras consideram a disciplina de ciências mais desafiadora para a adaptação de estudantes com TEA, enquanto outras, como português, são mais acessíveis devido ao uso de figuras, leitura conjunta e palavras destacadas (Fleira; Fernandes, 2021).

O suporte visual proporciona segurança no desenvolvimento das atividades escolares para estudantes autistas e oferece aos professores um recurso adicional no processo educacional. É fundamental considerar a sensibilidade sensorial para tornar o ambiente da sala de aula menos sobrecarregado.

O professor deve identificar como cada estudante percebe e responde aos estímulos externos, adaptando o ambiente para minimizar estímulos negativos e maximizar os positivos. Por exemplo, se o som da sirene de aviso na escola incomoda o estudante autista, o professor pode sugerir que ele use fones de ouvido minutos antes do sinal, ajudando a reduzir o desconforto causado pelo barulho. Além disso, é importante explicar com antecedência as atividades que serão realizadas, utilizando uma linguagem clara e direta, evitando metáforas e perguntas retóricas.

Comunicar mudanças e transições com antecedência é essencial para crianças autistas, pois mudanças bruscas podem causar insegurança e desregulação. Quando mudanças são necessárias, é importante prepará-las com antecedência, por exemplo, apresentando o novo ambiente e adicionando a mudança ao quadro de rotinas para visualização.

É comum que estudantes autistas apresentem hiperfoco em objetos, desenhos, brinquedos ou partes específicas de uma história. Integrar esses interesses em atividades escolares, como problemas de matemática ou exercícios de ortografia, pode aumentar o engajamento e interesse do estudante.

Finalmente, o professor deve trabalhar em conjunto com a auxiliar de classe, a coordenadoria pedagógica, a família e outros profissionais envolvidos no desenvolvimento do estudante. É crucial manter um contato constante com a equipe multidisciplinar para trocar informações e estratégias, garantindo uma abordagem integrada e eficaz no suporte ao estudante autista.

Considerações finais

A partir dos resultados da análise, conclui-se que os desafios e possibilidades na inclusão de crianças autistas na sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental envolvem, principalmente, a carência na formação dos professores para atuar frente ao estudante com deficiência e diferentes transtornos. Além disso, há um déficit na estrutura da maioria das escolas de ensino regular, que geralmente não dispõe de atendimento educacional especializado. A falta de ressignificação dos conceitos de autismo inter-relacionados com deficiência/transtorno também gera nos profissionais sentimentos de medo e insegurança em sua atuação, dificultando a promoção de estratégias eficazes para o desenvolvimento da criança com TEA.

Em contrapartida, a ampla discussão sobre o tema revelou a necessidade de adaptação dos currículos no ensino regular, bem como a implementação de estratégias que visem não apenas o desenvolvimento social do estudante autista, mas também o desenvolvimento intelectual. Isso pode ser alcançado por meio da adaptação e execução de metodologias que atendam às demandas e especificidades dos estudantes, promovendo assim a inclusão e o seu pleno desenvolvimento.

Destacam-se como estratégias eficazes o uso de recursos lúdicos e tecnologias assistivas, a elaboração de planos de ensino individualizados e a iniciativa de compreender as necessidades específicas de cada estudante. Essas abordagens contribuem para o desenvolvimento cognitivo, social, afetivo, físico e emocional da criança autista. Vale ressaltar que atividades adaptadas, com o uso de imagens, também se mostraram eficazes na inclusão da criança autista nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Referências

APORTA, A. P.; LACERDA, C. B. F. Estudo de Caso sobre Atividades Desenvolvidas para um Aluno com Autismo no Ensino Fundamental I. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v.24, n.1, p.45-58, Jan-Mar, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-65382418000100005>. Acesso em: 22 de nov. 2023

BARTOSZECK, A. B.; GROSSI, M. G. R. **A neurociência do autismo**. In: BORGES, A. A. P.; NOGUEIRA, M. L. M. (org). O aluno com autismo na escola. Campinas: Mercado das Letras, 2018. P. 35-63. Disponível em: <https://www.mercado-de-letras.com.br>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

BONOTTO, R. C. S. **Uso da comunicação alternativa no autismo**: um estudo sobre a mediação com baixa e alta tecnologia. 2016. 181 f. Tese (Doutorado em Informática na Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto

Alegre, 2016. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/152752>. Acesso em: 14 out. 2023.

BOTTGER, A. R. S.; LOURENÇO, A. C.; CAPELLINI, V. L. M. F. O professor da Educação Especial e o processo de ensino-aprendizagem de alunos com autismo. **Revista de Educação Especial**, v.26, n.46, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/5833/pdf>. Acesso em: 14 out. 2023.

BRASIL. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm. Acesso em: 3 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **TEA: saiba o que é o Transtorno do Espectro Autista e como o SUS tem dado assistência a pacientes e familiares**. Brasília: DF, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2022/abril/tea-saiba-o-que-e-o-transtorno-do-espectro-autista-e-como-o-sus-tem-dado-assistencia-a-pacientes-e-familiares>. Acesso em: 3 jun. 2023.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Transtorno do Espectro Autista (TEA) na criança**. Linhas do cuidado. Brasília: DF, 2021. Disponível em: <https://linhasdecuidado.saude.gov.br/portal/transtorno-do-espectro-autista/unidade-de-atencao-primaria/vigilancia-em-saude/#pills-vigilância-escolar>. Acesso em: 3 jun. 2023.

CONTE, E; BASEGIO, A. C. Tecnologias assistivas: recursos pedagógicos para a inclusão humana. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.24, n. 2, p. 28-44, jul.-dez. 2015. Disponível em: [TECNOLOGIAS ASSISTIVAS: RECURSOS PEDAGÓGICOS À INCLUSÃO HUMANA - ProQuest](#) Acesso em: 14 out. 2023.

DIAS, R. I. R. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Rev. EAD & Tecnologias digitais na educação**. Vol. 7, nº 9, Dourados, MG, 2019. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/ead/article/view/10745>. Acesso em: 14 out. 2023.

FACION, J. R. Transtornos do desenvolvimento do comportamento. **Caderno InterSaberes**. Curitiba, 2013. Disponível em: http://espacoviverzen.com.br/wp-content/uploads/2017/12/Transtornos_invasivos_do_desenvolvimento_e_transtornos_de_comportamento_disruptivo.pdf. Acesso em 14 out. 2023.

FERREIRA, S. M; LIMA, E. B; GARCIA, F. A. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v. 1, n. 1, p. 46 - 61, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/cadernoscap/article/download/14993/17828> Acesso em 14 out. 2023.

FLEIRA, R. C; FERNANDES, S. H. A. A. As vozes daqueles envolvidos na inclusão de aprendizes autistas nas aulas de matemática. **Ciê. Educ.**, v.27, e21070, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1516-731320210070> . Acesso em: 22 nov. 2023.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál Florianópolis**. V.10. .n esp. p. 37-45. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-49802007000300004>. Acesso em: 05 dez. 2023.

GAIATO, M. **S.O.S autismo**: guia completo para entender o Transtorno do Espectro Autista. 2. ed. São Paulo: Versos, 2018.

GALVÃO FILHO, T. A. A Tecnologia Assistiva: de que se trata? In: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Orgs.). **Conexões**: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade. 1 ed. Porto Alegre: Redes Editora, p. 207-235, 2009.

GOMES, M. M; SILVA, S. R. A. M; MOURA, D. D. A importância da família para o sujeito portador de autismo, a educação e a formação docente. **Rev. Educação Pública**. v. 19, nº 25, 2019. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/19/25/a-importancia-da-familia-para-o-sujeito-portador-de-autismo-a-educacao-e-a-formacao-docente>. Acesso em 14 out. 2023.

GROSSI, M. G. R; GROSSI, V. G. R; GROSSI, B. H. R. O processo de ensino e aprendizagem dos alunos com TEA nas escolas regulares: uma revisão de teses e dissertações. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvolv.**, São Paulo, v. 20, n. 1, p. 12-40, jun. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/cadernosdisturbios.v20n1p12-40>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

HOMERCHER, B. M. *et al.* Observação Materna: Primeiros Sinais do Transtorno do Espectro Autista Maternal. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 540-558, ago. 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.12957/epp.2020.52585>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

KOKKONEN, R. L. F; BARBOSA, X. C; BATISTA, J. F. Inclusão Escolar De Estudantes Com Transtorno Do Espectro Autista (Tea) Na Educação Profissional E Tecnológica: Desafios E Possibilidades. **Revista da Faculdade de Educação**, [S. l.], v. 37, n. 1, p. 29–41, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.30681/21787476.2022.37.2941>. Acesso em: 4 jun. 2023.

LIMA, T. C. S; MIOTO, R. C. T. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Katalysis**, edição especial, 2007. Disponível em: [Katalysis Edição Especial 2007 teste \(scielo.br\)](https://www.scielo.br/katalysis/edicao-especial-2007) Acesso em: 18 jun. 2023.

MORAIS, T. L. C. **Modelo teacch**: intervenção pedagógica em crianças com perturbações do espectro do autismo. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Escola Superior de Educação Almeida Garrett, Lisboa, 2012. Disponível em: <https://recil.ensinulusofona.pt/handle/10437/2673>. Acesso em: 14 out. 2023.

MOURA, G. P. **O desenvolvimento acadêmico de estudantes com Autismo na escola regular**: as contribuições do Currículo Funcional Natural. 2022, 71 f. Dissertação (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UERJ, 2022. Disponível

em: [Dissertação - Gerusa Pontes de Moura - 2022 - Completa.pdf \(uerj.br\)](#) Acesso em: 14 out. 2023.

PEREIRA, D. M. **Análise dos efeitos de um plano educacional individualizado no desenvolvimento acadêmico e funcional de um aluno com transtorno do espectro do autismo**. 2014. 181 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/14582/1/DeboraMP DISSERT.pdf> Acesso em: 14 out. 2023.

SANCHES, T. T. B; TAVEIRA L. S. Autismo: Uma revisão bibliográfica. **Caderno Intersaberes**. v. 9, n. 18, 2020. Disponível em: <https://cadernosuninter.com/index.php/intersaberes/article/view/1356>. Acesso em: 14 out. 2023.

SILVA, C. C; ELIAS, L. C. S. Instrumentos de Avaliação no Transtorno do Espectro Autista: Uma Revisão Sistemática. **Aval. psicol**, Itatiba, v. 19, n. 2, p. 189-197, jun. 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-04712020000200010&lng=pt&nrm=iso Acesso em: 23 nov. 2023.

SOUZA, V. L. B. **A criança com TEA na Educação Infantil**: a prática pedagógica docente- Osório, 2021. 44. f. Trabalho de Conclusão de Curso Disponível em: <https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/1781>. Acesso em: 3 jun. 2023.

SWEDO, S.E. *et. al.* Transtornos do Neurodesenvolvimento: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais [online]: DSM-5. **American Psychiatric Association**; Tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento. 5. Ed. Artmed, 2014. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7721387/mod_resource/content/0/Manual%20Diagno%CC%81sico%20e%20Estati%CC%81stico%20de%20Transtornos%20Mentais%20-%20DSM-5.pdf Acesso em: 22 de nov. 2023

WEIZENMANN, L. S; PEZZI, F. A. S; ZANON, R. B. Inclusão Escolar e Autismo: Sentimentos e Práticas Docentes. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. v. 24, e217841, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2175-35392020217841>. Acesso em: 03 de jun. 2023.

ZANON, R. B; BACKES, B; BOSA, C. A. Diagnóstico do autismo: relação entre fatores contextuais, familiares e da criança. **Psicol. teor. prat.**, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 152-163, abr. 2017. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5935/1980-6906/psicologia.v19n1p164-175>. Acesso em: 04 de jun. 2023.